

Consórcio BTB vai escolher diretor de projeto do gasoduto

por Maria Cristina Carvalho
de Londres

Será escolhido neste início de mês o diretor do projeto do gasoduto Brasil-Bolívia, o primeiro passo para o início dos estudos de viabilidade do empreendimento, que envolverá investimentos da ordem de US\$ 5 bilhões. Serão gastos US\$ 2 bilhões na construção do gasoduto de 3.150 quilômetros ligando os dois países, US\$ 1 bilhão nos testes e desenvolvimento da reserva de gás, situada na Bolívia, e mais US\$ 2 bilhões em projetos de geração de energia a partir dessa matéria-prima — um negócio que está atraindo a atenção de todas as empresas fornecedoras de equipamentos do mundo e bancos internacionais.

O diretor será escolhido pelo consórcio BTB, escolhido pela Petrobrás em agosto para fazer parte do desenvolvimento e do projeto. O grupo BTB é formado pela britânica British Gas, que opera em mais de 45 países, pela norte-americana Tenneco Gas, e pela australiana BHP Power, subsidiária da Broken Hill Proprietary, que somam ativos no valor de US\$ 80 bilhões e receitas anuais de US\$ 40 bilhões.

O grupo BTB terá uma participação de 25% no projeto do lado brasileiro, a Petrobrás terá a fatia majoritária de 55%, e a Bolívia, através da Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos (YPFB), os 20% restantes. Responsável por todo o projeto, o diretor coordenará os estudos de viabilidade e fará a ponte entre o grupo BPB e os outros sócios, informou Douglas H. Ebdon, diretor de operações da British Gas Global.

A estimativa de Ebdon é de que o estudo de viabilidade levará cerca de seis meses para ser concluído, envolvendo o investimento de aproximadamente US\$ 10 milhões por parte da BTB. "Esse investimento revela o nível de comprometimento do grupo BTB no projeto", disse, não escondendo que o grupo desejaria ter uma participação maior no projeto, o que somente seria possível se a Petrobrás não precisasse ter o controle, como exige a Constituição brasileira.

Estrutura do financiamento

O estudo de viabilidade compreende desde a checagem da avaliação das reservas ao levantamento exato do custo do projeto. A partir daí será então possível montar a estrutura do financiamento, desde que fique evidente a sua viabilidade financeira. Provavelmente, disse Ebdon, os sócios do empreendimento vão aportar de 20 a 30% dos recursos necessários e o restante será obtido de financiamento de agências internacionais e ban-

cos comerciais. Diante da estrutura restrita da composição acionária, não vê espaço para o lançamento de ações.

Uma das fontes de fundo em estudos é o Banco Mundial (BIRD). Mas a instituição vem insistindo que somente participaria caso a presença do setor privado fosse maior. "Esse é um problema que ainda teremos que enfrentar, mas não sei como", afirmou o diretor de operações da British Gas.

Paralelamente à associação com a Petrobrás e a YPFB, o grupo BTB assinou acordo com o governo de São Paulo para o desenvolvimento de dois projetos de consumo de gás natural no estado. O objetivo do governo estadual é que o grupo BTB estude a viabilidade da conversão da usina térmica de Piratininga de geração de eletricidade movida a óleo para a utilização do gás natural, a ampliação de sua capacidade com a construção de novas unidades geradoras e a possibilidade da construção de um sistema de distribuição de gás no estado, em conjunto com a estatal Comgás.

Um dos pontos importantes do projeto é exatamente definir quais serão os consumidores do gás. Outro é a política de preços do produto. "O preço terá que ser justo e não subsidiado, acompanhando a inflação. Os bancos financiadores vão ficar atentos a isso", ressaltou Ebdon.

A British Gas, privatizada em 1986, com ações pulverizadas entre 2 milhões de acionistas, opera mais de 240 mil quilômetros de gasoduto para distribuição a baixa pressão e mais de 20 mil quilômetros de transmissão de alta pressão, abastece 17,5 milhões de residências na Grã-Bretanha, indústrias e unidades de comércio.

Lançou-se também em operações no exterior. Na Argentina, em parceria com grupos locais e bancos, ganhou a concessão para a operação e distribuição de gás em uma área de 2.150 quilômetros quadrados, que engloba Buenos Aires e outras localidades, com uma participação de 75%. No Chile, foi selecionada em concorrência como operador técnico da distribuição do projeto de gás natural Argentina-Chile. Sua receita foi de US\$ 15,3 bilhões no ano passado.

A Tenneco atua no transporte e comercialização de gás natural, geração de energia, exploração e prospecção de gás e petróleo e aquisição de reservas. Atua na Europa, na Ásia e na América do Sul. Suas receitas anuais superam os US\$ 13 bilhões. A australiana BHP, com receita de US\$ 12,6 bilhões em 1993, está envolvida em empreendimentos nas áreas de mineração, energia e siderurgia.